

Lugar de Fala e Apropriação Cultural nas Novas Mídias

João Angelo Fantini - Editor

Se a psicanálise deixou um legado talvez tenha sido desconstruir o senso comum de que há equivalência direta entre o que se pensa saber e a verdade que se fala. Nesta fala, diz Lacan, não há fatos ancorando ou não, mas a atualização da história deste alguém, uma verdade que se revela numa estrutura de ficção, uma divisão entre o saber e a verdade.

A fantasia que se articula no inconsciente organiza o discurso do sujeito, e protege sua fragmentação, organizando um lugar de onde se fala de forma integrada sobre si mesmo, contando sua história, seus feitos, suas experiências, enfim, algo que desta fala tem um estatuto imaginário de verdade. Temos deste modo que para Lacan saber e verdade se situa como *Je* e o *Moi*, aquilo quem em Freud é Ego e Id. Enfim, o sujeito de Lacan não é o que na época dele seria o “homem do Humanismo”, mas o sujeito que *fala*.

Especialmente nos últimos anos temos assistido a um movimento interno dos chamados grupos de excluídos que congregam especialmente negros, gays e mulheres em movimentos políticos que atuam com identidades de gênero, raça e orientação sexual. Ao longo da história, estes grupos tiveram seu discurso deslegitimado pelos grupos dominantes, mas, últimos anos, estes vem ganhando força e ocupando lugares importantes na vida pública em diversos lugares do mundo, inclusive o Brasil.

O uso das noções de “lugar de fala” e “apropriação cultural” em suas dimensões políticas, mas também como dimensão imaginária, bem como os possíveis ganhos e perdas desta posição de enfrentamento, quer da perspectiva do fortalecimento do discurso, quer da perspectiva da interlocução com o outro, como objeto de convencimento em um processo que poderia ser chamado de educativo, parecem ser novos desafios nas lutas políticas e na apropriação dos discursos que promovem laços sociais.